



Propriedade da Empresa do "Barcellos-Revista,,"

DIRECTOR: EDUARDO LARCHER MARÇAL.

COMP. E IMP. CENTRO DE NOVIDADES—BARCELLOS

Parada agricola

«Concorrer para o desenvolvimento da agricultura, é trabalhar para a prosperidade da Patria.»

QUANDO no anno passado a Commissão das Festas das Cruzes incluiu no programma dos festejos uma Parada Agricola, foi á ideia com que vae encimado este artigo que obedecetu.

Ideia levantada e ideia patriótica, logo conquistou a adhesão do bom povo trabalhador do nosso concelho. E o exito brilhante que ella teve, o resultado muito superior a todas as previsões e a todas as esperanças, deve-se mais a essa adhesão espontanea, intelligente e desinteressada do que á propaganda tenaz e ao persistente trabalho, a que a Commissão das Festas tão devotadamente se dedicou.

Foi uma ideia que por si mesma se impoz e por si mesma abriu caminho, o caminho do triumpho, tão profundamente impressionou a alma simples e crente do povo das nossas aldeias, a sua opportunidade e a sua vantagem.

Todos quizeram concorrer para a realisar, todos collaboraram na patriótica tentativa.

Desde o lavrador que trouxe com orgulho o seu melhor gado, até ao moço da lavoira que trouxe simplesmente a sua enxada; des-

de as frescas raparigas, que com os seus lenços garridos e as suas cantigas vibrantes pozeram na festa a nota inconfundivel da sã alegria Minhota, até ás boas velhotas de roca á cinta e fuso a girar nos dedos engelhados, que tão bem symbolisaram a indole trabalhadora e pacifica do bom povo da nossa terra, todos deram o seu esforço, todos deram um pouco da sua alma áquella festa da lavoira que tão bem comprehendiram, e que tão intensamente lhes fez vibrar o coração.

O resultado foi o que se viu, e é ainda o que este anno se vae ver.

Vae haver outra vez uma Parada Agricola; outra vez vamos ver esse espectaculo grandioso e commovente do desfilar dos trabalhadores dos nossos campos, conduzindo na mais gloriosa das apothoses as riquezas que os seus braços fazem produzir á terra, e os instrumentos do seu trabalho respeitavel e honrado.

A nossa terra comprehendeu e muito bem toda a alta significação e todo o immenso alcance da patriótica iniciativa do anno passado. Não ha em Barcellos quem não tire commovido o seu chapéu quando vir passar nas ruas essa nobre e honrada manifestação do trabalho dos campos.

Bem haja a Commissão das Festas em ter adoptado tambem a patriótica divisa da Commissão que a precedeu:

«Concorrer para o desenvolvimento da agricultura, é trabalhar para a prosperidade da Patria.»

V. B.

Cartas á minha vizinha

VIII

Uma ideia linda sobre a parada agricola. — A Vizinha vestida á minhola. — Uma festa muito portugueza. — O amor pela lavoura. — Como o traje das lavradeiras poderá commover o seu coração em favor dos lavradores. — Pobreza da vida dos campos. — Como de um traje pode vir uma boa accção.

Vizinha :

Ouvi ha poucos dias fallar numa ideia linda, para a nossa festa das Cruzes. E era que as Senhoras da nossa terra se vestissem com trajes regionaes, *nossos, das nossas aldeias*, e que quando passasse a parada agricola lhe lançassem flôres, assim vestidas com os singelos e graciosos trajes minhotos.

Disse-lhe que tinha achado a ideia linda e tão linda a encontrei que me puz logo a *vê-la* executada : a admirar a Vizinha : com o seu colletinho bordado; o seu lenço franjado, de ramagens, cruzado sobre o peito ; a sua camisa de folhos, subindo a afogar-lhe o pescoço, com uma gola rendilhada ; o seu avental ás riscas ; a sua saia de sete pannels ; os ricos corações de oiro, em cima do seu coração que é de oiro tambem ; e os seus lindos cabellos pretos apartados sobre a testa, apanhados quasi sobre a nuca pelo lenço garrido e vistoso e livres, livres enfim, querida Vizinha, desse odioso chapéu que os opprime e a atormenta.

Sim, Vizinha. Vi-a vestida á portugueza, sem a banalidade estrangeirada e incaracteristica dos seus vestidos, pastichados sobre os figurinos francezes. Vi-a com os trajes do bom povo da nossa terra, com os trajes das nossas lavradeiras, numa festa que é a gloriosa e sancta festa da lavoura e a festa mais *portugueza* que podemos imaginar.

Porque é velha e gasta a phrase, nós somos um paiz de lavradores, é na terra que deve estar a nossa maior força e a nossa maior esperanza ; e o seu amanhã tenaz, intelligente, laborioso, é o maior e o mais bello esforço, em favor do bem estar da patria.

A parada agricola é a consagração desse

esforço, é a sua exteriorisação solemne, é o seu estimulo e a sua apologia.

E nós, aquelles a quem o acaso e muita vez a cegueira da vida arredou da lavoura, se não podemos cooperar nesse esforço, mostremos comprehendendo-lo, estejamos com os lavradores, de alma e coração, na sua bella obra e na festa que a consagra.

A Vizinha, vestindo-se como a mulher dos campos, vestindo o traje da lavoura, mostra-lhes a elles que os comprehende, que avalia a sua obra e que por ella sente um grande e intelligente amor.

Mostra-lhes, num tempo em que a egualdade e a fraternidade são uma postiza mentira, que se sente irmã delles pela alma, igualando-se ás mulheres dos lavradores, no seu traje.

E quem sabe ? talvez, dentro do seu colletinho bordado e do seu graciosos lenço de franjas e ramagens, por baixo dos corações de oiro o seu coração de oiro tambem pulse com mais amor e mais bondade por elles, pelos nossos irmãos e pela sua dolorosa vida que é tantas vezes um penoso e paciente martyrio.

Talvez a Vizinha se lembre da pobreza de muitas das suas casas, tão acanhadas, tão desprotegidas, tão tristes na sua fria miseria, no seu desconsolado abandono. Talvez se lembre da dureza do seu negro pão de cada dia, insufficiente tantas vezes, para compensar a rude fadiga dos seus musculos.

Talvez se lembre da insegurança da sua vida á mercê de uma colheita má ou de uma doença traiçoeira e da sua velhice sem descanço, sem socego e sem conforto.

Talvez pense um pouco, na sua falta de capitaes, para a cultura da terra, que os colloca á mercê da usura ; e na sua angustia, na sua dôr enorme, quando a justiça chamada pela usura lhe rouba o seu cirado e o seu casebre, onde nasceram e onde paira a doce e protectora recordação das suas gerações passadas.

Talvez com a sua carinhosa alma de mulher, a Vizinha, se lembre tambem dos filhos dos lavradores, da miseria, do atrazo, da insufficiencia das suas escolas ; da ignorancia e ineducação dos seus pequeninos espiritos que se formam no abandono, no descuido, na miseria.

E quem sabe ? talvez debaixo do colletinho



FESTAS DAS CRUZES EM 1909

UM ASPECTO DA PARADA AGRÍCOLA

Realizando-se, por ocasião das nossas tradicionais festas das Cruzes, no dia 3 de maio proximo, a Parada Agrícola, que tanto agradou no anno passado, achamos opportuna a publicação d'esta gravura, que mostra a passagem do impressionante cortejo agrícola pelo Largo da Porta Nova, em 1909. E' ella, tambem, um dos mais brilhantes numeros das Festas das Cruzes d'este anno.

bordado, o seu coração de oiro a pulsar sob o oiro dos outros corações, guiado por um nobre sentimento, lhe inspire uma acção boa em favor do nosso desgraçado povo e dos seus desgraçados filhos, tão abandonados e tão desprotegidos.

Do seu
Vizinho que hoje não é de certo

Importuno.

CARTA

Amigo Marçal:

PEDIU-ME ha tempos dous ou tres linguados da minha prosa insulsa para o *Barcellos-Revista*.

Prometti immediatamente com o meu feitio de condescendencia, o que nem sempre é virtude.

Passados dias, o amigo urgindo no empenho, manifestei-lhe a fraca oportunidade em que se achava o meu espirito, solicitando por coisas momentosas e com grande embaraço de escolha de motivos apropriados á feição da *Revista*.

Disse-lhe até que mais facilmente escreveria se tivesse de me occupar de assumptos políticos.

Mas assumptos políticos e n'um periodico d'esta indole? ! . . .

E porque não? . . .

A politica, como eu unicamente a concebo, é a sciencia que trata do governo da nação.

Não pode deixar de ser scientifica, patriótica e progressiva.

Tende a resolver os problemas que mais interessam á felicidade dos povos. Nós, já bastante a dentro do seculo XX, temos de arrumar por uma vez com desprezo a mascara furta-côres de Machiavel e repellir com sufficiente nojo a affirmativa do philosopho francez que dizia que *as palavras serviam apenas para disfarçar os nossos pensamentos!*

Não! . . .

Hoje a epoca é de positivismo e de verdade.

Não foi por uma mera brincadeira infantil que se canalizou o vapor aos mil empregos das industrias, nem se domesticou a electricidade para nos deslumbrar com as suas raudiantes maravilhas!

No pedestal da estatua de Benjamim Franklin lê-se a inscripção justiceira:

Eripuit coelo fulmen sceptrumque tyrannnis, (arreatou o raio ao ceu e o sceptro aos tyrannos.)

Depois que a Revolução Franceza proclamou os Direitos do Homem, desmoronaram-se os privilegios e constituiu-se essa grande solidariedade moral e social em que estamos integrados:— a Humanidade. Arvore sempre nova, como dizia Emilio Litré, a Humanidade deixa apenas no caminho do tempo milhões de folhas sêcas que vão saturar o recesso dos tumulos.

E' preciso fazermos todo o possivel para que as folhas d'essa imaginaria arvore se conservem com mais demora no grande vegetal.

Para isso é necessario muita luz, ar vivificante e boa seiva. Luz solar e luz da ins-

trução; ar saudavel na athmosphera e na liberdade social, seiva reconfortante a todos os organismos no quantum e na qualidade. Ora, desde muito que eu sinto o que li ha mezes traduzido de Alfredo Wallace:— «em comparação com os nossos espantosos progressos nas sciencias phisicas e suas applicações praticas, o nosso systema de governo, a nossa justiça administrativa, a nossa educação nacional e toda a nossa organização social e moral, permaneceram *no estado de barbarie.*»

Note-se que Wallace referia-se ás nações mais civilizadas da Europa. Que diremos porém do nosso retrocesso góvernativo, manifestado annos depois do generoso sangue derramado em holocausto á Liberdade nas famosas linhas do Porto?

A constituição liberal da monarchia não foi mais do que um engodo aos ingenuos portuguezes. O regimen tratou de acolher todas as regalias populares adquiridas até pensar unica e ferozmente no *engrandecimento do poder real*. O rei absoluto tinha a responsabilidade do systema.

Hoje nem o Chefe do Estado é responsavel, nem o são tampouco os seus ministros.

Responsaveis só os pequenos. Toda a burocracia dirigente e da alta banca podem architectar quantos carrapatas imaginarem com Mac-Murdo, Wohenlohe, Hinton e outros!

Os *adiantamentos* não teem conta.

A divida do paiz acusa a capitação de 150:000 reis. Não temos defeza nacional, nem instrucção popular. A miseria alastra por toda a parte, como nodoa oleosa em papel pardo!

E então o panria portuguez, que no livrete parisiense é *toujours gai*, proclama aos quatro ventos que se não deve fazer politica, antes deixar correr os marfins!

O' mortos e saudosos patricios, irmãos Machados de Lijó, presos nos immundos fortes de Almeida, em tempos de D. Miguel; ó honesto Faria Barbosa e José Gomes, de Gilmonde, exilados nos casarões de Inglaterra; ó dezenas de innocentes victimas longos mezes retidas na Cadêa de Barcellos, vêde em que agua chilra, senão lixo ascoroso resultou o vosso esforço! Por todos os recantos a doblez de character, a ambição desme-

dida e a traição sacrilega á Patria! No fundo desenha-se nitidamente a bancarrota e a administração estrangeira!

Chegaremos ainda um dia a ser dignos da respeitosa consideração dos nossos descendentes? Terminarei como o sentimental Manzoni: ao futuro cabe a sentença.

MARTINS LIMA.

CONTOS

O infeliz noivo de Aurelia

(TRADUÇÃO DE FERNANDES COSTA)

Os factos constantes da seguinte narrativa chegaram ao meu conhecimento por intermedio de uma carta, a qual me foi dirigida por uma menina que vive na bella cidade de S. José; a correspondente é para mim completamente desconhecida, e assigna simplesmente "*Aurelia Maria*," o que pode ser muito bem um nome ficticio. Mas não importa; a pobre menina quasi que tem o coração despedaçado com os infortunios que lhe têm succedido e encontra-se tão embaraçada no meio dos conselhos contradictorios de mal avisados amigos e de inimigos insidiosos, que já não sabe para onde se ha-de voltar, afim de se vêr livre da teia de difficuldades em que parece irremediavelmente envolvida. Nesse dilemma appella para o meu soccorro, e implora o meu auxilio e o meu conselho com tão persuasiva eloquencia que seria capaz de abalar o coração de uma estatua. Ouçam a sua triste historia:

Diz ella que quando tinha dezeseis annos encontrou e amou, com todo o fervor de uma natureza apaixonada, um rapaz de New-Jersey, chamado "*Williamson Breckinridge Caruthers*," o qual era seis annos mais velho. Prometteram casamento, muito a gosto dos seus amigos e parentes, e durante algum tempo tudo correu como se a vida de ambos estivesse destinada a ter por caracteristico uma immuidade de pesares, que não é o quinhão habitual da humanidade. Mas desandou por fim a roda da fortuna; o moço Caruthers foi infeccionado por um ataque de

bexigas da especie mais virulenta, e, quando se restabeleceu da sua enfermidade, tinha a cara crivada de signaes e covas que nem um ralador, e a belleza natural havia-lhe desaparecido para sempre. Aurelia pensou em retirar a sua palavra, no primeiro momento; mas a compaixão pelo seu infeliz namorado determinou-a a addiar por algum tempo o dia do casamento e a conceder-lhe occasião para outra experiencia.

Mesmo na vespera do dia do noivado, Breckinridge, tendo-se absorvido a contemplar a marcha de um balão e seguindo distrahido na direcção d'este, foi cahir dentro de um poço, e partiu uma perna, a qual teve de lhe ser cortada por cima do joelho. Outra vez Aurelia esteve vae não vae para quebrar os seus compromissos; mas de novo triumphou o amor, e ella transferiu o dia do enlace para mais tarde, dando-lhe outra probabilidade de se corrigir.

De novo, porém, o infortunio cahiu sobre o infeliz moço. Perdeu um braço pela descarga prematura de uma espingarda, e, no espaço de tres mezes, ficou sem o outro, arrancado por uma machina de cardar.

O coração de Aurelia difficilmente resistiu a estas ultimas calamidades. Não podia deixar de se sentir profundamente afflicta ao vêr o seu namorado fugir-lhe assim aos bocados, sentindo, como sentia, que elle não poderia durar sempre debaixo d'aquelle desastroso processo de redução, e sem conhecer nenhum modo de o fazer parar em tão horrivel carreira; no seu lachrymoso desespero quasi que lastimou, como os jogadores de bolsa que teimam e perdem, não ter casado com elle logo á primeira, antes de o vêr passar por tão assustadora depreciação. Ainda d'esta vez o seu forte coração a animou, e resolveu-se a supportar por mais algum tempo as pouco naturaes disposições do seu noivo.

Novamente se aproximou o dia do noivado, e de novo foi assombreado pelo desapontamento. Caruthers cahiu doente com uma erysipéla e perdeu inteiramente o uso de um dos seus olhos.

Os amigos e parentes da noiva, considerando que esta havia já feito muito mais do que rasoavelmente se lhe podia exigir, agora intervieram insistindo por que o casamento se desmanchasse; mas, depois de he-

sifar um momento, Aurelia, com uma generosidade que lhe dá muita honra, disse que tinha reflectido com toda a serenidade sobre a questão, e que não podia descobrir em que é que Breckinridge fôsse digno de censura.

Por conseguinte prorogou o prazo mais uma vez, e elle partiu a outra perna.

Foi um terrivel dia para a pobre menina aquella em que viu os cirurgiões conduzindo reverentemente para fóra o sacco cujo uso já ella conhecia por experiencia prévia, e o coração adivinhou-lhe a amarga verdade de que mais algum bocado do seu noivo se tinha perdido. Sentia que o campo das suas affeições se tornava mais e mais circumscripto cada dia; mas ainda mais uma vez se oppoz aos seus parentes e renovou as promessas de casamento.

Pouco antes de findar o praso marcado para as nupcias, novo desastre succedeu. No anno passado apenas um homem foi esculpado pelos indios das margens do rio Owen. Esse homem foi Williamson Breckinridge Caruthers de New-Jersey. Regressava alvoroçadamente a sua casa com o coração trasbordando de felicidade, quando perdeu o couro cabelludo e o seu cabelo para sempre; e, n'aquella hora de amargura, quasi que amaldiçoou o engano misericordioso que lhe poupou a cabeça.

Agora Aurelia está sériamente perplexa sobre o que tem a fazer. Ainda ama o seu Breckinridge — assim o confessa, na sua carta, com verdadeiro sentimento feminino — ainda ama o que resta d'elle — mas os seus parentes oppõem-se terminantemente ao enlace, por causa d'elle não ter nenhuns bens e estar impossibilitado de trabalhar, e d'ella não possuir meios sufficientes para o sustento confortavel de ambos. «Agora, o que hei-de fazer?» pergunta-me com lamentavel e ansiosa solicitude.

E' uma questão delicada; porque envolve a felicidade da vida inteira de uma mulher e a de proximatemente duas terças partes de um homem, e sinto que seria assumir uma responsabilidade excessivamente grande o apresentar n'este caso mais do que uma mera suggestão. O que se havia de fazer para o concertar?

Se Aurelia pôde occorrer ás despezas precisas, forneça ella ao seu mutilado noivo braços e pernas de pau, um olho de vidro e

um chinó e dê-lhe outro parecer: conceda-lhe noventa dias, sem prorrogação, e se n'esse meio tempo elle não der cabo de si, case com elle e sujeite-se ás consequencias. Não me parece, de nenhum modo, Aurelia, que n'isso corra um grande risco, porque se elle persistir na sua infernal propensão de se damnificar a si mesmo todas as vezes que se lhe offerecer oportunidade boa, a sua primeira experiencia depois d'isto deve ser de ordem a acabal-o, e então, como bem sabe, estará casada ou solteira. Se estiver casada, as pernas de pau e outros analogos valores que elle possa ter, revertem para a viuva, e já vê que não soffre nenhuma perda actual senão a de um querido fragmento de um nobre mas muito infeliz marido, que procurou honradamente seguir o seu caminho, mas cujos extraordinarios instinctos lhe foram sempre contrarios. Experimente, Maria! Estudei todo este assumpto cuidadosamente e bem, e é esta a unica sahida boa que para si vejo. Teria sido uma feliz ideia da parte de Caruthers a de bater com a espinha no meio do chão e ser isso o que quebrasse primeiro; mas uma vez que elle se julgou capaz de seguir diversa tactica e de se fazer render tanto quanto possivel, não creio que estejamos no direito de o censurar, uma vez que n'isso encontrou prazer. O que nos cumpre é tirar o melhor partido possivel das circumstancias, e fazermos a diligencia por não desesperar d'elle.

MARK TWAIN.

Recordando

Delfino Pereira Esteves

MAIS um que rolou para o aniquilamento. Esse vortice da morte, sombrio, mysterioso, levou-me para sempre o amigo leal, o querido companheiro da juventude.

O seu olhar, limpido como a sua alma, sinto-o ainda, e sempre, envolver-me carinhosamente em luz d'amisade. A sua memoria, que eu saberei guardar com doçura e recolhimento, trará ao meu espirito a viva impressão da justiça e da bondade. Recto,



A FEIRA DAS CRUZES EM BARCELLOS

Devemos o original d'esta gravura ao sr. Albino Leite.

Como se vê, não apparece ao fundo o edificio do Azylo d'Invalidos, annexo ao Hospital da Misericórdia, e destacam-se uns cyrestes que hoje não existem no Campo da Feira.

D'aqui concluímos que, tendo sido construido ahí por 1890 o edificio do Azylo d'Invalidos, e segundo as melhores informações, a photographia que serviu de original a esta gravura foi tirada ha aproximadamente 35 annos.

ponderado e honesto, foi na sua vida exemplo modelar de virtudes.

Sentia, como poucos, ingenuos entusiasmamos, n'este mundo de desenganos. E, esse calor, provinha-lhe da pureza da intenção, da magnitude profunda dos seus bellos sentimentos, em que a nota artistica tinha uma feição dominante.

Ao lado do seu perfil delgado, pelo seu braço fiel, entrei nas portadas da mocidade, onde fomos recebidos por todos os nossos sonhos.

Com elle principiei a sentir, a viver e . . . a soffrer. De mãos dadas, enlaçados os espiritos no mesmo desejo, fundidos os corações na mesma aspiração, assim percorremos a gamma intensa das nossas illusões. Na mutua confissão do nosso sentir, pairava já, então, um frio presentimento do futuro, a gelada intuição do esmorecer final.

Meu pobre Delfino.

Eu sei bem quantas maguas levaste agrihoadas para o tumulo, quantas lagrimas de fogo turvaram a ultima irradiação do teu

olhar sereno, quantas saudades se evolveram com o teu suspirar derradeiro.

Viste, n'esse instante de agonia, o desmoronar da tua felicidade, ruir assombrosamente toda a graça que te cercava, feita da dedicação da Esposa e do encanto do teu filho.

Quando se trespassa o limiar da morte, a memoria e os sentimentos tomam uma acuidade espantosa. E, assim, n'esse lampear final, como tu deverias ter soffrido ao infinito !

A mão brutal da doença prostrou-te de vez. Corações, amantes e piedosos, albergarão a tua preciosa lembrança, reliquia d'aquelle que, como tu, foi honrado e digno.

E, n'esta homenagem sentida que presto á tua memoria, vae, irreprezivelmente, toda a minha saudade e pena.

Descança em paz.

Ahi, á sombra d'algunha arvore triste, regada pelas chuvas do inverno, beijada pelo sol da primavera, encontrarás o absoluto repouso, a serenidade eterna.

Todas as incertezas da vida, desenganos e esperanças, soffrimentos e alegrias, amor e odios, desprezos e affeições, toda essa macabra legião abaterá bandeiras, na suprema continencia que se deve aos vencidos.

Adeus, Delfino. Eu ainda fico.

Lisboa, 10-3-910.

ARNALDO BRAZ.

Museu de vulgaridades

I

O homem de espirito e a sua côrte

Já o grande Thackeray os troçou, quando, em dois traços de Gavarni, o caricaturou em flagrante, surprehendendo-o no seu campo da batalha, — á meza.

Porque é effectivamente á meza que o homem de espirito faz luzir os seus dotes, graças á disposição pacata que dá o vinho, quando absorvido em doses que não obrigam ao inesthetico rebolar para o soalho.

E' rara a ceia de rapazes esturdios, ao recanto manhoso de restaurante barato, onde elle não appareça risonho e ávido, luzi-

dio e senhor de si, com as suas eternas anedotas, com os seus eternos trocadilhos, com a sua eterna *piada*.

Abanca, enche o prato e o copo, e escolhe o alvo. O alvo é sempre o ingenuo mais bronco da sucia, o mais calado e o mais ignorante. Sobre elle o espirituoso descarrega a sua graça, fazendo-lhe perguntasi-nhas parvas, a que o desgraçado não sabe responder — com um murro.

—Então o menino já fuma? Olhe lá se o vinho lhe faz mal !

E a assembleia ri, aperta a barriga, pino-teia e conclama, babada :

—E' unico, este diabo. Não ha meio de estar triste ao pé d'elle !

Então, o homem de espirito exulta. Os olhos riem-se-lhe, a face reluz, ao calor do vinho e da gloria. Chega-se mais para a victima imbelle, afaga-o, como a uma creança, dá-lhe beijocas, trata-o por tu — e a côrte suffoca de goso.

De vez em quando, lembra-se de coisas excéntricas. Mistura o mólho da vitella com o verdasco rascante, enche o paliteiro de vinagre e pega na comida com a mão. A assembleia delira.

Depois, conta *blagues*, chalaças em voga que se attribuem aos bohemios conhecidos, e todos são unanimes em concordar «que não ha creatura mais original, de *piada* mais viva e prompta.»

Satisfeito, o homem de espirito mostra uma nova face da sua *verve* inexgotavel. Põe-se a imitar actores conhecidos, o gallego da esquina, a meretriz, o poeta fulano e o sr. Antonio José d'Almeida.

A roda concorda em que a imitação é flagrante.

Então, o gracioso abandona os racionais e uiva, cacareja, zurra.

Em volta, os cós das calças estoiram, e vozes admirativas, em frouxos de riso historico, traduzem enthusiasmos delirantes :

—Eu rebento, não posso mais ! Já me doe a barriga !

E o espirituoso impa, súa de orgulho e genio. Empoleira-se na meza, vira o casaco do avesso, enfia os punhos por fóra das mangas e recita, discursiva, canta de tenor, de barytono, de contralto, arrota, saracoteia-se, bate o fado.

Ao canto, o ingenuo bronco troçado e desprezado vinga-se, a medo :

—Está bebado!

O homem de espirito ouve e zanga-se. Bebado, elle? Ora o asno! E vomita.

O taberneiro péde socego e uma indemnisação pela louça partida. Ha protestos, conflictos, ameaças, a que o espirituoso põe cobro com a sua ultima chalaça e tudo de banda, com mau gosto na bôca e uma convicção arreigada:

—Para passar uma noite de borga teza não ha como trazer o Machado. Aquillo é unico!...

O Machado, modestamente, confessa que gosta de dizer a sua graça, mas que quem tem verdadeiramente espirito, *piada* fina, ditos hilariantes, é o Costa, — o Costa das obras publicas.

Afinal, o Costa é um pobre diabo que nunca disse uma chalaça, o que obriga a roda veneradora a protestar:

—Ora o Costa! Tu és tolo. Piada boa tens tu, maganão! Quem me déra ser assim!...

*
* *

Mas não é só nas patuscadas orgiacas do tasco que o homem de espirito triumpho e se glorifica.

Em salas burguezas, onde se toma chá e joga o *senhor abbade*, o espirituoso tem tambem a sua côrte admiradora, feita de meninas espevitadas que lhe pregam partidas ingenuas, — *só para o ouvir, só para ver o que elle faz.*

Ahi, nos salsifrés obrigados a dôce sortido de 520 e chá misturado, o espirituoso tem de usar outros processos para fazer rir.

Já não póde escolher entre a assistencia um alvo propicio nem arregaçar as calças até ao joelho. Limita-se a descrever, com pormenores caricaturaes, a careca e os callos do chefe da sua repartição e a dentadura posticha de certa velhota surda, que a um canto cochila e ronca. Faz tambem espirito a proposito da vizinha do lado, que em seis mezes já teve doze namoros. Esta parte do seu reportorio é de effeito seguro. As meninas da casa nunca deixam de repenhar irritantes gargalhadinhas esganiçadas e as matronas edosas, sensatamente, concordam, com acenos graves de cabeça:

—Realmente, o rapaz tem razão. Aquillo é uma pouca vergonha.

Certo da unanime sympathia, o homem de espirito annuncia sortes de prestidigitação,

Zout passe...

*Tudo passa na vida transitoria,
Nesta vida de tragica ironia:
Quiméras, illusões, sonhos de glória
E as horas de ventura e de poesia.*

*Passa o entusiasmo e passa a nostalgia
Como passam, da lápide marmorea,
As letras e os sinaes que a ventania
Apagou. Tudo passa da memórea.*

*E passam, como passam as quiméras,
Os juramentos feitos noutras éras;..
E assim passou tambem o teu amor.*

*Tuas juras passaram como o vento...
Só não me passas tu do pensamento,
Só não passa, de mim, a intensa dor!*

Porto.

VAZ PASSOS.

péde copos, pires, lenços de assoar e moedas de tostão. Se tem confiança na casa, não se esquece de accrescentar, fallando muito depressa, a imitar, n'um hespanhol adulterado, os charlatães das praças:

—A ver, señores, a ver como se hace una suerte de prestidigitacion. Miren ustds, no hay trampa ninguna. No hay trampa.

As meninas córam e riem por detraz dos leques. As mamãs austeras explicam, gravemente:

—E' hespanhol. Aquillo que elle diz é em hespanhol. Tem chiste, tem muito chiste!

E o gracioso ganha terreno, até contar umas historias exquisitas de creadas de servir e guardas municipaes.

Todos riem, todos o applaudem, e o nosso homem, á despedida, é convidado, com grande alarido, no patamar da escada, a vir no domingo seguinte, para « um chásinho modesto, mas dado de boa-vontade. »

E depois que elle sae, com uma ultima chalaça dita entre as boas noites da despedida, ainda as meninas ficam, agrupadas no sofá de *rafs*, a repetir baixinho uma anedota picante que elle contou em segredo.

E as boas mamãs, que já bocejam, opinam á uma, ageitando os manteletes de vi-drilhos:

—E' muito engraçado este rapaz. Nunca está triste!...

Sò o dono da casa, austero mercieiro retirado dos negocios, é que não sympathisa muito com o gracioso, e ao deitar, emquanto, pacatamente, afaga os dedos dos pés callosos, observa á metade, já aconchegada sob o *edredon* macio :

—Não ha duvida que o rapaz tem graça... Mas conta ás vezes cada historia mais atrevida!... Até não gosto que as pequenas estejam muito tempo sósinhas com elle...

E lá em cima, no recatado cubiculo do sótão, as *pequenas* repetem ainda aquella historia brejeira que o homem de espirito contou em segredo...

SIMÕES DE CASTRO.



A vida physica

O vestuario feminino não reúne o util ao agradável.

As modas attrahem sempre a attenção, exagerando as formas.

O perigo do espartilho apertado ou mal collocado.

A hygiene e o vestido comprido.

O vestuario feminino, tem sido alvo da critica acerba de todos os hygienistas.

E' d'uma natureza especial e expressiva, tendendo a exprimir a supremacia de todas as partes do corpo feminino, que mais attractivos têm para o homem.

O habito do decote, é extraordinario e perigoso; por expôr uma parte tão melindrosa, ás impressões directas do ar frio, e a todas as congestões internas que d'ahi podem resultar.

O espartilho, tão combatido pela sã hygiene, tem-se vulgarisado por tal forma, que até o pedantismo masculino tem n'elle um bom auxiliar. O uso do espartilho apertado, incommoda as senhoras, mortificando-as e fazendo-as contrahir doenças, que lhe aniquilam a pouco e pouco a existencia.

O espartilho apertado ou mal collocado, prejudica a respiração, a digestão e principalmente a circulação do sangue; pode forçar os órgãos internos a mudar de forma, ou de logar, e até mesmo causar deformações osseas.

Pode tolerar-se um espartilho largo, ou o uso do espartilho direito.

Pelas mesmas razões já expostas, não se aconselham os cintos apertados.

São condemnadas as ligas, por se opporem á circulação, nas veias da perna e do pé.

Causam muitas vezes a dilatação dos vasos, ruptura das suas paredes e hemorragias perigosas.

Recommenda-se usar faxas elasticas, que se ligam aos vestuarios superiores.

E' ainda uma norma tirada da sua anatomia, que tem a mulher tão ligada ao vestido comprido.

Segundo o schema das proporções do corpo humano, a mulher apparenta ter os membros inferiores muito curtos. A sua obliquidade derivando da largura da bacia, exaggera ainda esta apparencia.

Ora este defeito de proporções harmoniosas, é admiravelmente mascarado pelo vestido comprido, e sobretudo pelo vestido de cauda, que levanta a cintura e dá aos membros inferiores a correcção desejada.

Accresce ainda que o vestido esconde o pé, que nem sempre é digno de ser visto.

E' um escandalo hygienico intoleravel, porque a elle devemos não só o levantamento das poeiras das ruas, como a sua introdução em grandes doses dentro das habitações.

O perigo é sobretudo grande, quando nas habitações ha creanças; que têm por habito brincar por toda a parte e inconscientemente levar os dedos á bocca.

L. M.



Chronica ligeira

ESTÁ decorrendo o periodo da celebração do centenario de Herculano. Nos principaes centros do paiz, especialmente em Lisboa e Porto, é que as homenagens ao grande portuguez tem adquirido maior vulto, mas por differentes terras da provincia alguma coisa se tem feito de modo a assignalar a epoca consagrada a uma evocação gloriosa, que bem pode tomar-se como affirmação de patriotismo authenticico, pois recordar tão inclito escriptor é respeitar a Patria

n'um dos seus mais illustres e mais notáveis filhos.

Alexandre Herculano! Que nome! Lembra a honestidade mais austera e o saber mais profundo e consciencioso. Proclama a nobre altivez d'um grande caracter e o valor immenso d'um enorme cerebro! Individualidade prodigiosa, que não cabe nos acanhados ambitos d'estas modestissimas chronicas, complexa e pujante de mais para poder ser tratada por penna tão inculta e sob a feição ligeira de tão desvalioso trabalho.

Mas para que foi, então, que eu trouxe para aqui o mestre insigne, modelo de rectidão, egregio propugnador da verdade e da justiça e piedoso defensor expontaneo dos opprimidos e abandonados?

Para quê, se não conseguiria dar d'essa figura gigantesca de poeta, romancista, historiador excelso e polemista formidando, uma leve ideia, gisar ao menos, embora em brevissimos traços, um rapido perfil do homem superior, que ao mais alto principado das letras alliou o apostolado sublime do dever e da honra?

E' que eu tenho por obrigação registar aqui o acontecimento de mais nota, succedido dentro do espaço de tempo a que tenho de reportar-me e, francamente, outro me não impressionou mais ou julguei de maior sensação do que o *silencio* que, á volta do centenario de Herculano, se vae fazendo em o nosso meio.

Se não fôra um bem elaborado artigo, mesmo digno de especial attenção, do dr. José Belleza, publicado n'esta Revista, e outras allusões litterarias da imprensa local, dir-se-ia que Barcellos se encontra inteiramente alheio a tão justa consagração. E isto é realmente uma coisa extranha, tanto mais que a nossa villa não costuma nunca ficar indifferente a manifestações de tão alto alcance.

Agora, porém, é o que se vê e d'ahi a razão porque eu me surprehendo e tomo como caso sensacional este modo de proceder perante a solemnisação centenaria do grande portuguez.

Acho pouco o preito jornalístico e, sobretudo, de resultados quasi inefficazes, pois a ninguém será licito suppôr, que a nossa população não está tambem incluída nos seten-

Dos nossos poetas

SONETO

*Olhos suaves, que em suaves dias
Vi nos meus tantas vezes empregados
Vista, que sobre esta alma despedias
Deleitosos farpões, no céu forjados;*

*Santuarios de amor, luzes sombrias,
Olhos, olhos de côr de meus cuidados,
Que podeis inflamar as pedras frias,
Animar os cadaveres mirrados:*

*Troquei-vos pelos ventos, pelos mares,
Cuja verde arrogancia as nuvens toca,
Cuja horrisona voz perturba os ares:*

*Troquei-vos pelo mal que me suffoca;
Troquei-vos pelos ais, pelos pesares:
Oh! cambio triste! oh! deploravel troca!*

(1) BOCAGE
(1765—1815)

(1) *Um dos poetas portuguezes mais populares, cujo talento enorme se perdeu, em parte, numa vida desregrada e aventureira. — Improvisador de uma facilidade e perfeição admiravel. — Os seus versos conseguem quasi emancipar-se do academismo rhetorico, balofo e sabido das produções da epocha. — E assim é elle pelo esplendido vigor e audacia do seu talento o traço de união entre o nosso classicismo e o romanismo. — Os sonetos que deixou e que se destacam salientemente entre a insulsa banalidade da poesia do seu tempo, são por vezes admiraveis, de uma grande perfeição de forma e de uma fina delicadeza de sentimento.*

ta e tantos por cento do analphabetismo geral. D'aquelle modo, reduzido ficará o numero das pessoas que tenham noticia do que se passa e pouco penetrará nas camadas populares a lição e ensinamento proficuo, que devem resultar da *vulgarisação* e *conhecimento* do nome e obra do extraordinario vulto.

E' tempo, no entanto, de remediar a falta e fazer, por um acto vibrante, que echôe e retumbe na alma do povo e o faça despertar para um movimento novo de redempção e progresso, a commemoração de Herculano. Isto seria o ideal, mas não se podendo ir tão longe, ao menos que alguma coisa se faça n'aquelle sentido.

Barcellenses, acordae!

A pé, geração nova, a pé para o saúdar.

Do Porto

A musica. — Uma companhia lyrica — O

«quartetto» da «Bohemia».

Eu não sei se a musica é a arte de pensar com sons, como diz Combarieu no seu interessantissimo livro «La musique, ses lois et son évolution», se é um exercicio inconsciente de calculo, como affirma o philosopho e mathematico Leibnitz.

Sei apenas que é para mim a mais poderosa e a mais suggestiva das artes, aquella que, pelo seu poder synthetico de expressão, me enleva, me domina, me arrebatá.

Quasi me sinto esmagado sob a força emocional de certas paginas de musica, e ha trechos de Wagner, de Listz, de Mozart e de Chopin onde eu vejo lagrimas de mulher coadas pelos raios do luar.

Admira-se a espiritualidade genial das obras de Victor Hugo; commovem os versos de Musset e ajoelha-se o coração quando lemos Lamartine. Mas nenhuma d'essas impressões eguala a que no meu espirito produz a musica.

*

* *

Tivemos aqui no Porto, ha pouco tempo, uma companhia lyrica que reunia elementos muito apreciaveis. Trouxe-a Figueirôa Junior, empresario honesto, diligente e consciencioso.

Certa noite — noite de saudade — meia duzia de admiradores da arte sublime tomaram parte n'uma festa intima offerecida ao «quartetto» que n'aquella companhia interpretava a «Bohemia»: Paolina Albertini, Enriqueta Aceña, barytono De Gueri e tenor Mulleras. Passaram-se umas horas de delicado convivio, nimbado d'um gratissimo prazer espirital que deixou na alma de todos nós recordações que nunca mais se apagam.

Eram 10 horas quando se abriram as primeiras garrafas de Champagne. Vieram então as saudações, ora entretecidas de louvores, ora esfuziantes d'essa communicativa *verve* que as horas de inteira felicidade produzem sempre.

Como um echo longinquo, sôam ainda ao

meu ouvido os brindes traçados n'essa noite: a Paolina Albertini, soprano de muitos meritos e artista de superiores recursos, sempre gentilissima, sempre adoravel; a Enriqueta Aceña, que de anno para anno mais conquista o applauso unanime do publico do Porto, pela sua voz de mavioso timbre; a Mulleras, um tenor que possui o amor da sua arte e que *vive* carinhosamente as suas personagens; a De Gueri, barytono de largo futuro, já hoje elemento de primeira grandeza na companhia que o trouxe ao Porto, e um conversador amavel e illustrado.

Deixem-me fallar-lhes ainda n'uma saudação quente, vibrante, que o sr. Jayme de Vasconcellos, intelligentissimo professor do lyceu Alexandre Herculano, ergueu á Arte, rememorando o seu papel na historia de todos os tempos.

*

* *

Estão agora longe de nós, conquistando outras palmas e despertando novos enthusiasmos, todas essas figuras da scena lyrica, verdadeiros paladinos d'um ideal luminoso.

D'aqui lhes mando cumprimentos e saudades, muitas saudades!

H. NUNES.



Agradecemos

A todos os nossos distinctos collegas as palavras de incitamento que nos dirigiram quando fizeram referencia á entrada do *Barcellos-Revista* no segundo anno d'existencia.



Theatro Gil Vicente

Continua n'esta villa a *Companhia Dramatica Lisbonense*, dirigida pelos actores Fernandes e Andrade, tendo levado á scena: *A Rosa Enfeitada*, *Morgadinha de Val-flor*, *Santo Antonio* e *O Homem das Mangas*.

Tem agradado.